

A PAIXÃO SEGUNDO JANAIR: O SILÊNCIO DA SUBJETIVIDADE EM G.H.

Andréa Pereira Cerqueira

Mestranda em Literatura Comparada (UnB). Autora de “O Feminino em Clarice Lispector: a ciranda de A hora da estrela” e “A gravidade das coisas leves” (contos).

E-mail: prof.andreacerqueira@gmail.com

William Alves Biserra

Doutor em Teoria Literária (UnB). Pós-doutorado em Literaturas de Língua Inglesa (UFMG).

E-mail: lit.apec@gmail.com

DOI 10.56372/desleituras.v13i13.201

Resumo: Neste ensaio analisa-se a personagem Janair, de *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, a partir de teorias de identidade e diferença de Audre Lorde, Tomaz Tadeu da Silva, Jacques Derrida e Susan Stanford Friedman. A pesquisa investiga como raça, classe e gênero moldam a construção de Janair e sua relação com a protagonista G.H., destacando a interseccionalidade como chave para entender suas interações. O estudo aborda o apagamento de pessoas negras, o legado da escravidão e o simbolismo do quarto de Janair no processo de consciência da protagonista. Sem pretender esgotar o tema, propõe que, mesmo invisibilizada, Janair desempenha papel central na narrativa ao desconstruir hierarquias sociais e evidenciar as tensões entre opressão e privilégio. A partir de estudos sobre alteridade, sugere-se que as margens sociais têm força reveladora e crítica dentro do romance, tornando Janair um eixo fundamental para a compreensão da obra.

Palavras-chave: Alteridade. Identidade. Clarice Lispector.

Abstract: This article analyzes the character Janair, from *The Passion According to G.H.*, by Clarice Lispector, based on theories of identity and difference by Audre Lorde, Tomaz Tadeu da Silva, Jacques Derrida and Susan Stanford Friedman. The research investigates how race, class and gender shape the construction of Janair and her relationship with the protagonist G.H., highlighting intersectionality as a key to understanding their interactions. The study addresses the erasure of black people, the legacy of slavery and the symbolism of Janair's room in the protagonist's process of consciousness. Without intending to exhaust the subject, it proposes that, even though invisible, Janair plays a central role in the narrative by deconstructing social hierarchies and highlighting the tensions between oppression and privilege. Based on studies on otherness, it is suggested that social margins have a revealing and critical force within the novel, making Janair a fundamental axis for understanding the work.

Keywords: Otherness. Identity. Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO

Eu era aquela a que o quarto chamava de 'ela'. Ali entrara um eu a que o quarto dera dimensão de ela. Como se eu fosse também o outro lado do cubo, o lado que não se vê porque se está vendo de frente.

[Clarice Lispector]

A literatura de Clarice Lispector é notória por sua densidade filosófica e introspectiva, desafiando o leitor a refletir sobre as camadas ocultas da subjetividade e da realidade. *A Paixão Segundo G.H.* (1964) é um dos seus textos mais enigmáticos, no qual a protagonista, G.H., passa por uma crise existencial após um encontro com uma barata no quarto de empregada, antes habitado por Janair, uma mulher negra e empregada doméstica. Embora Janair esteja ausente fisicamente durante a narrativa, sua presença fantasmagórica é fundamental para desencadear várias das reflexões de G.H..

Este estudo explora a personagem Janair, uma figura periférica na narrativa, mas que carrega em si camadas significativas de representação social e simbólica. Para tal análise, recorreremos a textos acadêmicos sobre identidade e diferença, como os de Audre Lorde e Tomaz Tadeu da Silva, além de teorias desconstrutivistas de Derrida e conceitos de geografia social de Susan Friedman. O objetivo é interpretar a invisibilidade de Janair à luz de questões de raça, classe e gênero e como sua existência contribui para a desestabilização das identidades fixas e hierarquias sociais presentes na

narrativa. Também abordaremos a forma como o binarismo, o apagamento e o silenciamento das pessoas negras e o legado histórico da escravidão são apresentados através da figura de Janair e seu quarto no apartamento de G.H.. A discussão se concentrará em como a invisibilidade de Janair no texto de Lispector serve para destacar as diferenças sociais e raciais profundamente enraizadas na sociedade brasileira e como ela catalisa a consciência de G.H. sobre sua própria identidade e privilégios.

JANAIR E A DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Segundo Derrida (1982), a desconstrução revela a impossibilidade de fixar significados estáveis, já que estes são constantemente moldados por suas oposições e pela linguagem. No contexto de *A Paixão Segundo G.H.*, a identidade de Janair é construída em oposição à figura de G.H.. A narradora é uma mulher rica e branca e ocupa o centro narrativo, enquanto Janair, uma mulher negra e pobre, é relegada à periferia da história. Derrida sugere que essas oposições binárias são construções sociais que podem ser desconstruídas para revelar a interdependência entre os dois polos.

Janair, embora ausente fisicamente, é uma presença fundamental. O quarto de empregada que ela habitava é o local onde G.H. encontra a barata e onde sua crise existencial se desenrola. A condição marginalizada de Janair, como mulher negra e empregada doméstica, se reflete nas oposições de raça e classe que estruturam

a relação entre ela e G.H., e, ao mesmo tempo, essas categorias são desestabilizadas à medida que G.H. passa a questionar sua própria identidade. Nesse ponto, Derrida (1982) é útil ao nos lembrar que as identidades não são fixas e, por meio da desconstrução, podemos ver que a presença fantasmagórica de Janair é uma força que desconstrói as certezas de G.H.

O APAGAMENTO E O SILENCIAMENTO DOS NEGROS

Na tentativa de traçar um plano histórico para chegarmos à condição de subalternidade de Janair, é sabido que trajetória do negro no Brasil é marcada pela violência do sistema escravocrata que durou mais de 300 anos. Desde o século XVI, milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil como escravos, sendo explorados principalmente em plantações de açúcar e café, além de atividades mineradoras e urbanas. Com a abolição da escravidão em 1888, não houve políticas de integração social ou econômica para os ex-escravos, que foram libertados sem acesso a terras, educação ou trabalho digno, permanecendo marginalizados na nova sociedade. Essa exclusão sistêmica consolidou-se ao longo dos anos, com a população negra sendo empurrada para a pobreza, sem mobilidade social, e submetida a uma sociedade racista que perpetuava sua invisibilidade e marginalização.

Com o avanço do capitalismo, a situação da população negra no Brasil se agravou. O sistema capitalista,

ao priorizar a maximização do lucro e a exploração da mão de obra, manteve os negros nas piores condições de trabalho, em empregos precarizados e mal remunerados. Sem acesso a oportunidades, educação de qualidade ou redes de apoio, a população negra foi jogada para as periferias urbanas e rurais, sem condições de competir no mercado formal. Essa exclusão sistemática do mercado de trabalho formal reflete a perpetuação das desigualdades sociais, mantendo a maior parte da população negra em condições de subemprego, violência e vulnerabilidade econômica. E assim chegamos à empregada doméstica Janair.

A vulnerabilidade de Janair, a empregada negra de *A Paixão Segundo G.H.*, reflete a trajetória histórica dos negros no Brasil, marcada pela exclusão e marginalização herdadas do período escravocrata e agravadas pelo sistema capitalista. Assim como os negros, que foram libertados sem acesso a oportunidades, Janair é silenciada e invisibilizada no espaço doméstico de sua patroa, confinada a um quarto pequeno e funcional, símbolo de sua exclusão social e racial. Sua posição como empregada doméstica, sem voz, objetificada, aquela que cumpre tarefas, evidencia as estruturas de poder que mantêm a população negra em trabalhos subalternos, precários e mal remunerados.

As ideias de Audre Lorde (2019), em sua análise interseccional de raça, gênero e classe, oferecem um caminho para entender essa exclusão. Lorde argumenta que a opressão das mulheres negras resulta da interseção entre racismo, sexismo e classismo, que se sobrepõem para perpetuar sua invisibilidade e exploração. Janair, sendo uma

mulher negra e pobre, vive essa tripla marginalização: sua raça e classe a confinam à posição subalterna de empregada doméstica, e seu gênero reforça o papel social de servidão. A invisibilidade de Janair na obra lispectoriana é, assim, um reflexo das opressões múltiplas, descritas por Lorde, que tornam mulheres como ela mais vulneráveis dentro de uma sociedade hierárquica e desigual.

Em um recorte mais objetivo, a questão racial é marcada na narrativa por meio de um vocabulário que remete ao processo histórico da escravidão:

Mas ao abrir a porta [do quarto] meus olhos se franziram em reverberação e desagrado físico.

É que em vez da *penumbra confusa* que esperava, eu esbarrava na visão de um quarto que era um quadrilátero de branca luz meus olhos se protegeram franzindo-se.

Há cerca de seis meses – o tempo que aquela empregada ficara comigo – eu não entrava ali, meu espanto vinha de deparar com um quarto inteiramente limpo.

Esperava encontrar *escuridões*, preparava-me para ter que abrir escancaradamente a janela e limpar com ar fresco o *escuro mofado*. Não contara é que aquela empregada, sem me dizer nada, tivesse arrumado o quarto à sua maneira, e numa ousadia de proprietária o tivesse espoliado de sua função de depósito (Lispector, 2009, p. 36, *grifo nosso*).

A passagem mostra um embate entre G.H. e Janair com elementos de contraposição - o *claro* e o *escuro* - que perpassarão todo o romance. Janair, descrita sob a ótica senhorial da patroa, está sempre associada à escuridão, uma das formas pelas quais os processos históricos escravocratas ecoam na narrativa.

À empregada são atribuídas muitas características indissociáveis a sua condição negra, como por exemplo, o apagamento e o silenciamento, essenciais para entendermos a dinâmica entre G.H. e Janair. Audre Lorde (2019) argumenta que as mulheres negras, ao se encontrarem na interseção de múltiplas formas de opressão — como raça, classe e gênero —, são frequentemente silenciadas e marginalizadas em uma sociedade que prioriza as vozes brancas e masculinas. Esse silenciamento não é apenas literal — como a ausência de falas ou representação —, mas também simbólico, cujas experiências e identidades negras são constantemente relegadas à margem da sociedade.

No caso de Janair, esse apagamento é evidente tanto na narrativa quanto na construção do espaço físico no apartamento de G.H.. O fato de Janair não ter voz na história e ser retratada apenas através das memórias e impressões de G.H. é um reflexo direto desse silenciamento histórico das mulheres negras. Entretanto, é importante notar que esse apagamento também carrega consigo uma forma de resistência. A ausência de Janair não significa que ela seja esquecida ou irrelevante; pelo contrário, sua ausência é precisamente o que provoca uma crise de identidade em G.H., forçando-a a confrontar a construção de sua identidade e as injustiças sociais que essa construção perpetua.

O BINARISMO E A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA

No romance em questão, o binarismo aparece como uma das estruturas centrais que sustentam a narrativa, especialmente na relação entre a protagonista G.H. e a personagem Janair. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), a identidade e a diferença são produzidas socialmente através de processos de exclusão e inclusão que se fundamentam em binarismos como superior/inferior, visível/invisível e centro/margem. G.H. e Janair, cada uma representando polos opostos dentro desses binarismos, ilustram as relações de poder que caracterizam a sociedade brasileira.

G.H., como mulher branca e de classe alta, ocupa o lugar da norma, é a identidade dominante que define e, ao mesmo tempo, exclui o outro — neste caso, Janair, a mulher negra e empregada doméstica. Qualquer que fosse o motivo – indiferença ou preconceito – esta é tratada como um ser invisível por aquela.

[...] Quis lembrar-me de seu rosto, e admirada não consegui [...]. A lembrança de sua cara fugia-me, devia ser um lapso temporário.

[...] E sua roupa? Não era de surpreender que eu a tivesse usado como se ela não tivesse presença: sob o pequeno avental, vestia-se sempre de marrom escuro ou de preto, o que a tornava toda escura e invisível. Janair tinha quase que apenas a forma exterior, os traços que ficavam dentro de sua forma eram tão apurados que mal existiam: ela era achatada como um baixo-relevo preso a uma tábua (Lispector, 2009, p. 40).

À primeira leitura torna-se evidente a invisibilidade de Janair, porém há algo mais profundo nessa passagem que novamente remete a empregada à ideia da escuridão. As vestimentas escuras da doméstica mesclam-se à própria pele e a cor da personagem é associada à posição social que ocupa.

A existência de Janair, embora marginalizada, é necessária para que G.H. afirme sua própria identidade. No entanto, a narrativa expõe as fissuras desse sistema binário ao mostrar que G.H. não pode escapar da presença desconcertante de Janair, mesmo após a saída da empregada do apartamento.

Essa relação binária entre G.H. e Janair revela as estruturas de poder que sustentam a produção da diferença racial e social. Janair não tem voz no romance, e sua ausência física — marcada pela partida silenciosa antes do início da narrativa — reforça o apagamento das pessoas negras na sociedade. A invisibilidade de Janair, tanto como empregada quanto como mulher negra, reflete o processo histórico escravocrata, em que corpos negros eram presentes apenas para servir, sem que sua humanidade fosse reconhecida.

O PARADOXO DOS ESPAÇOS FÍSICOS E O DESENHO NA PAREDE

O espaço físico em *A Paixão Segundo G.H.* carrega uma simbologia rica que reflete as tensões sociais e existenciais entre as personagens G.H. e Janair. O apar-

tamento de luxo onde G.H. vive, com seus ambientes sofisticados, contrasta diretamente com o quarto simples e funcional de Janair, um espaço liminar na casa, separado e isolado do restante:

Decidida a começar a arrumar pelo quarto da empregada, atravessei a cozinha que dá para a área de serviço. No fim da área está o corredor onde se acha o quarto. Antes, porém, encostei-me à murada da área para acabar de fumar o cigarro.

Olhei para baixo: treze andares caíam do edifício. Eu não sabia que tudo aquilo já fazia parte do que ia acontecer. Mil vezes antes o movimento provavelmente começara e depois se perdera. Dessa vez o movimento iria ao fim, e eu não presentia.

Olhei a área interna, o fundo dos apartamentos para os quais o meu apartamento também se via como fundos. Por fora meu prédio era branco, com lisura de mármore e lisura de superfície. Mas por dentro a área interna era um amontoado oblíquo de esquadrias, janelas, cordames e enegrecimentos das chuvas, janela arreganhada contra janela, bocas olhando bocas. O bojo do meu edifício era como uma usina. (Lispector, 2009, p. 33-34)

Esse contraste espacial é fundamental para a construção da narrativa, destacando as dinâmicas de poder, raça, classe e gênero. As imagens paradoxais reforçam a separação entre os espaços da narradora e de Janair: a dualidade entre a fachada ornamentada, clara, alva e plácida, de mármore da frente do apartamento e a desordem enegrecida da área de serviço. A divisão vai muito além do espaço físico, pois situa cada uma das personagens nos seus espaços sociais – G.H. pertence ao território organizado da parte frontal do edifício e Janair, ao

caos dos fundos – e evoca, mais uma vez, a questão racial ao associar a empregada ao espaço enegrecido.

O quarto de Janair, em contraste com o resto do apartamento, é pequeno, nu e desprovido de luxo. É um espaço utilitário, destinado à servidão e à invisibilidade de quem o habita. A simplicidade do quarto, sua nudez e sua função restrita refletem a posição subalterna de Janair dentro da hierarquia social. O quarto está no limiar entre o mundo dos patrões e o mundo das empregadas — uma zona de transição e exclusão. No entanto, é justamente nesse espaço marginal — o quarto de Janair — que ocorre a transformação existencial de G.H., demonstrando o poder desestabilizador das margens e a complexidade da interação entre centro e periferia

Segundo Susan Friedman (2017), a geografia social não é meramente um pano de fundo, mas ativa na produção das identidades. No espaço liminar do quarto de Janair, onde G.H. nunca havia prestado atenção, ocorre a transformação e a quebra das barreiras que separavam as duas mulheres. Esse espaço periférico torna-se central na narrativa, e o que era um espaço de marginalidade para Janair se transforma no espaço de descoberta para G.H., desconstruindo as fronteiras sociais e espaciais. Aqui, o “além do gênero”, como proposto por Friedman, surge como uma nova forma de pensar identidades, transcendentais às noções fixas de raça, classe e gênero:

A primeira coisa que eu faria seria arrastar para o corredor as poucas coisas de dentro. E então jogaria no quarto vazio baldes e baldes de água que o ar duro sorveria, e fi-

nalmente enlamearia a poeira até que nascesse umidade daquele deserto, destruindo o minarete que sobranceava altaneiro um horizonte de telhados. Depois jogaria água no guarda-roupa para ingurgitá-lo num afogamento até a boca – e enfim, enfim veria a madeira começar a apodrecer (Lispector, 2009, p. 41).

No embate patroa *versus* empregada, encontrar o quarto limpo e organizado já foi considerado um acinte por G.H. A ideia que a narradora fazia da doméstica era de alguém - vivendo em um quarto sujo e mofado, ente quinquilharias - incapaz de manter a limpeza de seu espaço. O outro choque foi o mural na parede do quarto.

[...] parede caiada, contígua à porta – e por isso eu ainda não o tinha visto – estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão que era mais nu do que um cão. Nos corpos não estavam desenhados o que a nudez revela, a nudez vinha apenas da ausência de tudo o que cobre: eram os contornos de uma nudez vazia (Lispector, 2009, p. 41).

O desenho na parede feito por Janair - uma figura masculina e uma feminina, ambos primitivos e desproporcionais - é um dos símbolos mais potentes do romance. O desenho simples e quase infantil serve como uma metáfora para a relação binária entre as duas mulheres. Nele, podemos enxergar um retrato da desproporcionalidade das relações de poder: a figura feminina pode ser interpretada como a própria Janair, marcada pela opressão, enquanto a figura masculina pode representar o poder patriarcal e as estruturas sociais que oprimem tanto

Janair quanto G.H.. Sob a lente de Susan Stanford Friedman (2017), o desenho na parede pode ser visto como uma tentativa de Janair de se inscrever no espaço social que lhe foi negado.

Se a palavra pertence a G.H., a escrita desencarnada, a outra forma de narrativa ou a representação pertencem a Janair. E é por meio dessa expressão não verbal, mas legítima, que Janair denuncia a personalidade opressora da patroa. O mural rompe com a opacidade da doméstica ao mesmo tempo que funciona como modo de resistência e desperta afetos em G.H.. O desenho, feito a carvão, material primitivo – “fruto de sua criatividade e tempo livre” (Lispector, 2009, p.41) – suspende os limites da função laboral de Janair. Ela se faz vista e ouvida mesmo numa frequência tão baixa quanto o seu próprio silêncio.

A APROXIMAÇÃO DA BARATA COM JANAIR: DESUMANIZAÇÃO E A CRISE DE G.H.

No quarto de Janair, o sol bate constante e fortemente, conferindo ao espaço aridez e uma perturbadora claridade. Tudo se caracteriza pela secura – o armário esturricado, a parede tão insuflada que desbotou, a cama sem lençol com um colchão empoeirado e com um pano seco com marcas de “suor ou sangue aguçado” (Lispector, 2009, p. 41). O sol se encontra nesse espaço em toda sua virulência, não permitindo a manutenção da vida, a não ser a da barata.

A barata que G.H. encontra no quarto de Janair é também simbólica na narrativa, funcionando como uma metáfora para a desumanização e invisibilidade que a empregada experimenta. A criatura abjeta, repugnante e marginal, compartilha com Janair a condição de exclusão e desprezo. G.H., ao esmagar a barata, vivencia uma profunda crise existencial, pois percebe, naquele ato, a violência que comete contra o que ela considera abjeto — não só a barata, mas também as pessoas que são invisibilizadas e marginalizadas em sua vida.

Essa aproximação simbólica entre Janair e a barata evidencia a forma como G.H. desumaniza a empregada, equiparando-a a uma criatura indigna de empatia ou consideração. A percepção de G.H. de que a barata, assim como Janair, é algo que pode ser esmagado sem maiores consequências é um reflexo da violência simbólica que permeia as relações sociais baseadas em raça e classe. A empregada transita como mais um objeto da patroa – ela é “alguma coisa” sem ideologia, sem identidade e sem nome e forma até certa parte da narrativa. No entanto, o confronto com a barata provoca uma ruptura na percepção de G.H., forçando-a a reconhecer sua própria cumplicidade na opressão de Janair e a refletir sobre a natureza da vida, da morte e da vulnerabilidade.

Dessa maneira, a barata funciona como um espelho grotesco, levando G.H. a confrontar o que há de mais abjeto em si mesma. A crise de G.H. não é apenas sobre sua repulsa pela barata, mas sobre sua incapacidade de lidar com a alteridade representada por Janair. A barata revela a distância entre elas, mas também as aproxima,

ao expor a fragilidade e a mortalidade que ambas compartilham como seres vivos. G.H., ao esmagar a barata, sente a essência da vida se esvaír, e isso desencadeia uma reflexão profunda sobre o que significa estar vivo, humano ou não.

A TRANSFORMAÇÃO DE G.H. E A ALTERIDADE DE JANAIR

A transformação de G.H., ao longo do romance, se dá justamente através da experiência com a barata e o confronto com o espaço de Janair. Ao adentrar o quarto da empregada, G.H. começa a perceber as estruturas de opressão que sustentam sua própria vida. O silenciamento e a invisibilidade de Janair - representados tanto pelo quarto quanto pela barata - forçam G.H. a questionar seu lugar de privilégio e sua incapacidade anterior de enxergar o outro.

Essa transformação é impulsionada pela alteridade de Janair. A partir do momento em que G.H. entra no espaço alheio, ela começa a ver o mundo sob uma nova perspectiva, reconhecendo as fronteiras sociais que a separavam da empregada e como essas fronteiras são mantidas por um sistema de opressão que beneficia alguns à custa da exclusão de outros. A barata funciona como um catalisador para essa tomada de consciência, ao expor o abjeto e o invisível que G.H. sempre evitou. A crise existencial de G.H. emerge do confronto com a alteridade radical de Janair, que desafia suas certezas e a leva a uma transformação interna profunda.

A tomada de consciência da protagonista está ligada à ideia de que, para reconhecer o outro, é preciso primeiro reconhecer a própria vulnerabilidade e mortalidade. G.H. percebe, ao longo do romance, que sua existência estava construída sobre uma hierarquia social que marginalizava pessoas como Janair. O reconhecimento dessa realidade é doloroso, mas também libertador, pois permite que G.H. transcenda as barreiras de classe e raça que antes a separavam de Janair e, em última instância, de si mesma.

A PAIXÃO SEGUNDO JANAIR

A *Paixão Segundo G.H.* e a *Paixão de Cristo* possuem paralelos simbólicos profundos, principalmente, na experiência de sofrimento, redenção e transcendência. A protagonista G.H. passa por uma jornada de desconstrução de sua identidade. Essa crise existencial pode ser comparada ao sofrimento de Cristo na *Paixão*, pois ambos os personagens atravessam momentos de angústia que os conduzem a uma espécie de transcendência espiritual. No caso de G.H., seu encontro com a barata simboliza a dissolução de seu ego, resultando numa experiência mística de reintegração ao todo, algo semelhante ao sacrifício de Cristo que, através da dor, leva à redenção e à comunhão espiritual.

Assim como a *Paixão de Cristo* leva à ressurreição, a jornada de G.H. também envolve um processo de morte simbólica e renascimento. Cristo sacrifica seu corpo para

salvar a humanidade, enquanto G.H. sacrifica suas certezas e a noção de um “eu” estável ao descer aos aspectos mais primitivos e essenciais da existência. Essa aceitação leva a uma forma de iluminação, em que o sofrimento é visto como parte inevitável do ciclo de vida e morte.

Para traçar um paralelo entre o sofrimento da empregada e *A Paixão Segundo G.H.*, imaginando uma “Paixão Segundo Janair”, pode-se pensar em como ambas as personagens são conduzidas a momentos extremos de dor, revelação e transformação, em meio a suas experiências existenciais e marginais. Janair, a personagem central deste trabalho, vivencia uma forma de “paixão” marcada pelo sofrimento psíquico e social, cujas causas estão relacionadas à opressão, ao sentimento de exclusão e à luta por reconhecimento

Assim como Cristo e G.H. se deparam com a aniquilação de suas identidades – o primeiro no sacrifício da cruz e a segunda ao enfrentar o vazio existencial –, Janair também enfrenta um profundo processo de destruição interna, possivelmente ligado às pressões sociais de classe e gênero. Em sua Paixão, Janair passa por uma série de sofrimentos relacionados à solidão, invisibilidade e à complexidade de se manter íntegra em um mundo que a marginaliza.

O FUTURO DA CRÍTICA FEMINISTA E A RELAÇÃO G.H. E JANAIR

Susan Stanford Friedman (2017) sugere que a crítica feminista precisa ir “além” das fronteiras fixas de gênero e raça, considerando a multiplicidade das identidades

e suas interseções. Em *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector antecipa esse movimento ao apresentar uma protagonista que, ao ser confrontada pela ausência/presença de Janair, começa a dismantelar as barreiras identitárias que lhe foram impostas. G.H. precisa transcender sua percepção limitada de gênero, raça e classe para compreender a alteridade que Janair encarna.

A relação entre ambas, portanto, não é apenas uma relação de opressão e subordinação, mas também uma relação de interdependência e transformação. A crise de G.H. revela que a identidade da elite é sustentada pela marginalização dos “outros”, mas que esses outros” também têm o poder de desestabilizar e transformar o centro. É possível fazer uma leitura desse romance a partir de uma crítica à forma como as sociedades estruturam as identidades em torno de oposições binárias. Ao olhar para o “outro” — para Janair, no caso de G.H. —, pode-se começar a desconstruir essas fronteiras e reconhecer a fluidez e complexidade da identidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise proposta, torna-se evidente que a invisibilidade de Janair não é sinônimo de passividade ou insignificância. Pelo contrário, sua presença silenciosa é o motor de transformação da protagonista e da narrativa, revelando o poder subversivo das margens sociais. Isto posto, este estudo busca contribuir para o entendimento das complexas relações entre opressão e privilégio, ao ex-

plorar como a interseccionalidade molda a construção da identidade e da diferença, desafiando as certezas impostas pela centralidade branca, patriarcal e elitista.

Assim, *A Paixão Segundo G.H.* revela-se uma obra não apenas de introspecção individual, mas de crítica social, em que a figura de Janair, embora marginal, carrega em si as marcas de resistência e desconstrução das opressões que a história e a sociedade lhe impuseram. Parte superior do formulário Parte inferior do formulário Sua presença fantasmagórica atua como catalisadora da crise existencial da protagonista, desconstruindo as hierarquias sociais e simbólicas que estruturam a relação entre as personagens. A análise interseccional das dinâmicas de raça, classe e gênero, embasada nas teorias de Audre Lorde, Tomaz Tadeu da Silva e Jacques Derrida, permite revelar como a marginalização e o apagamento de Janair refletem a exclusão histórica da população negra no Brasil. No entanto, sua ausência, assim como o desenho na parede e a simbologia da barata, desestabilizam a visão de mundo de G.H., forçando-a a confrontar suas próprias contradições e privilégios. Além disso, a análise geográfica de Susan Stanford Friedman sublinha o papel dos espaços físicos na narrativa. O quarto de Janair, em sua simplicidade e isolamento, não é apenas um local físico, mas um espaço de transição e transformação, onde G.H. passa a confrontar as barreiras que separavam sua existência privilegiada da realidade marginalizada de Janair. A geografia social torna-se, assim, um elemento ativo na produção das identidades e na desconstrução das fronteiras sociais que permeiam a obra.

Esse estudo, portanto, não esgota as possibilidades de análise sobre a personagem Janair, mas oferece uma nova perspectiva sobre seu papel na narrativa de Clarice Lispector. Ao iluminar as tensões entre centro e periferia, visibilidade e invisibilidade, opressão e resistência, Janair emerge como uma figura fundamental para a compreensão da crítica social e existencial que atravessa *A Paixão Segundo G.H.*, questionando as bases estruturais das identidades sociais e propondo uma reflexão crítica sobre os legados de desigualdade que permeiam a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. *As mulheres negras na construção de uma nova utopia*. São Paulo: Instituto Geledés - Instituto da Mulher Negra, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 8 set. 2024.

DERRIDA, Jacques. *Positions*. Translated by Allan Bass. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

FRIEDMAN, Susan Stanford. “Além’ do gênero: a nova geografia da identidade e o futuro da crítica feminista”. Tradução de Alcione Cunha da Silveira e Sandra Regina Goulart Almeida. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima Costa; LIMA, Ana Cecília Alcioli (org.). *Traduções da cultura: perspectivas críticas femininas (1970-2010)*. Florianópolis: Ed. Mu-

Iheres/Edufsc; Maceió: Edufal, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LORDE, Audre. “Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença”. Tradução de Léa Sussekind Viveiros de Castro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.), HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.